

Bashert: um poema de Irena Klepfisz

Bashert: A Poem by Irena Klepfisz

Luci Rivka Ramos Mendes¹

RESUMO

Este artigo apresenta a tradução de alguns textos de Irena Klepfisz (1941-), poeta judia e lésbica, nascida no gueto de Varsóvia. Além disso, discute a presença do ídiche nas obras da poeta. A tradução tem o objetivo de ajudar a divulgar a obra dessa escritora tão significativa para o movimento LGBTQIA+ e contribuir para os debates teóricos envolvendo questões como a língua materna, a sexualidade e a memória histórica.

Palavras-chave: *Irena Klepfisz; Literatura LGBTQIA+; Literatura judaica; língua materna.*

ABSTRACT

This article aims to present the translation of some texts by Irena Klepfisz (1941-), Jewish and lesbian poet, born in the Warsaw ghetto. Furthermore, it discusses the presence of Yiddish in the Irena's works. The translation helps to make Klepfisz better known in order to increase our understanding about the history of LGBTQIA+ movement, and contribute to theoretical debates involving topics such as mother tongue, sexuality and historical memory.

Keywords: *Irena Klepfisz; LGBTQIA+ Literature; Jewish literature; mother tongue.*

¹ Mestre em literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestranda na Pós-graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal do Ceará

Irena Klepfisz, poeta ainda muito pouco conhecida no Brasil, pertence a mesma geração de escritoras feministas lésbicas que Audre Lorde e Gloria Anzaldúa. A poeta *chicana*, aliás, não só era amiga de Irena como foi uma grande influência em sua obra: o uso do íidiche na obra de Irena é, em termos, um movimento paralelo ao de Anzaldúa com o espanhol – e lhe foi sugerido por esta (KLEPFISZ, 2017).

Zohar Weiman-Kelman (2018) sublinha, no entanto, uma diferença fundamental entre o que as duas poetisas fazem:

that Anzaldúa is using a language still widely spoken and growing (with its own set of contemporary political challenges, to be sure), whereas Klepfisz is using a language that speaks (to) the Jewish past, at least in terms of the reality she herself depicts. For indeed, there is a large ultra-Orthodox Yiddish-speaking community living not far from where Klepfisz is writing in New York, and yet this community is not the audience of secular poetry, especially not radical lesbian poetry. Klepfisz can therefore be seen to be transgressing not only borders of space (like Anzaldúa), but also borders of time. Turning to Yiddish, Klepfisz takes up not the

sacred Hebrew tongue in which the Psalm was written, but the tongue of Jewish Diaspora. What she narrates in it is not the history she is commanded to remember, but what she (and we) were meant to forget. (posição 2740).

De fato, em toda sua obra, não só nos quinze poemas em que faz uso do íidiche, ela constantemente transgride as barreiras geradas pelo tempo, espaço e também pelo gênero. Ela dá voz a mulheres judias das mais variadas, materializando, através de seu discurso poético, os ideais políticos que defende, mas também constituindo uma identidade bastante específica como mulher judia, lésbica, feminista, socialista e sobrevivente do *khurbn*².

Parece-me importante, nesse momento, revisitar a história da vida de Irena Klepfisz antes de seguir a uma análise breve de alguns aspectos de sua obra. Ela nasceu no dia 17 de abril de 1942, dentro do Gueto de Varsóvia. Ela e sua mãe, Rosa, são evacuadas do Gueto poucos dias antes do Levante e até o fim da Segunda Guerra Mundial vão se esconder, fingindo ser polonesas. O pai de Irena, Michał Klefpsz, permaneceu dentro do Gueto e morreu em combate com os alemães, salvando alguns de seus companheiros no processo. Depois da guerra, Irena e Rosa mudam-se para a Suécia e, alguns anos depois, para os Estados Unidos. É só no continente americano que Irena vai ter um contato real com o íidiche, indo para uma escola mantida pelo *Bund*³ – partido ao qual tanto seu pai quanto sua mãe professavam lealdade, já desde antes da guerra. Ativa nos movimentos dos direitos civis e contra a Guerra do Vietnam na década de sessenta, é apenas na década seguinte que ela vai entrar em contato e passar a participar ativamente dos movimentos feministas e de libertação das mulheres, assumindo-se lésbica e integrando a chamada “segunda onda” do feminismo. Nos anos oitenta, a questão palestina irá juntar-se também às suas preocupações. Ainda hoje, apesar de bastante idosa, Irena permanece ativa como ativista, tendo inclusive participado da Marcha das Mulheres em Washington em 2017 (ALEXANDER, 2017).

Sua primeira publicação data de 1971, e já nesses primeiros poemas apresenta-se uma tensão entre memória e história, entre a língua e o tempo. No poema *Procurando pelo corpo de meu pai*, citações de livros de história e relatos de companheiros de guerra de Michał Klepfisz entrecortam a narrativa,

2 *Khurbn* (pronuncia-se rrurban) é o termo íidiche para o ‘Holocausto’, significando literalmente ‘destruição’ e sendo também o termo que designa as destruições do Primeiro e Segundo Templo. Por motivos políticos eu evito o uso da palavra *holocausto*, bem como o termo hebraico *shoah*, preferindo sempre o termo íidiche.

3 *Yidisher arbeters bund in lite, poyln un rusland* - o partido os trabalhadores judeus na Lituânia, Polônia e Rússia, partido político judaico socialista fundado inicialmente na Europa Oriental, mas que com os imigrantes irá se espalhar pelo mundo e mudar seu nome para *der unternationale yidisher arbeters bund*, o partido internacional dos trabalhadores judeus, presente em praticamente todos os países para os quais os judeus asquenazitas migraram. Hoje em dia o partido perdeu muito de sua força e relevância, mas grupos bundistas ainda persistem nos EUA, Reino Unido França, Dinamarca, Canadá, Austrália, Argentina, Uruguai e Israel.

que é a narrativa de um eu-lírico que corresponde à própria poeta, em busca da história de seu pai, que aqui se torna o único corpo possível, através da linguagem, e na qual talvez possa restar-lhe algo de vida:

Depois da janta eu procrastino.
Pergunto-me de novo: eu deveria mesmo fazer isso
e se eu fizer, eu vou finalmente
terminar? Depois de encontrá-lo
eu serei capaz de deixá-lo na tumba
ou eu vou insistir em carregá-lo
comigo, um homem de trinta anos
que eu nunca conheci?
Eu vou finalmente me livrar da última imagem
que ele apresentou a seus amigos
quando ele escolheu deliberadamente, numa fração
de segundo consciente, seu próprio estilo de morte?

Num dos áticos nós de repente estamos cercados. Perto, no mesmo ático, estão os alemães e é impossível chegar nas escadas. Nos cantos escuros do ático nós mal podemos ver uns aos outros. Nós não percebemos Sewek Dunski e Junghajzer que rastejam pelas escadas desde baixo, chegam até o ático, por trás dos alemães, e jogam uma granada. Nós nem paramos pra considerar como Michal Klepfisz pula na metralhadora alemã que atira por detrás da chaminé. Nós só vemos o caminho limpo. Depois de os alemães terem sido expulsos, várias horas depois, nós encontramos o corpo de Michal perfurado como uma peneira por duas salvas de tiros.

Detalhes confusos, difíceis de acompanhar,
mas o fato principal, a morte dele,
me olha desde a página apagada,
me olha sem penetrar
minha razão ou entendimento.
Simplesmente um fato, morto,
como os objetos que descreve.

Eu estou insatisfeita. Tenho raiva.
Eu gostaria de mais vida
nessa descrição.
E gostaria que aqueles presentes
tivessem parado (*Nós nem paramos*),
pra examinar o corpo,
pra ter certeza que não tinha pulso ali.

(*Nós só vemos o caminho limpo*)

que descrevessem sua imobilidade, a certeza deles
de que ele estava realmente morto naquele momento,
que eles não o abandonaram,
que ele não ficou lá deitado sozinho
sentindo a própria morte.
Eu quero mais detalhes
pra encher meu vazio.

Em outros momentos, esses atravessamentos entre língua e história são menos pessoais, ainda que mais íntimos. É o caso, por exemplo, do poema *Fradl Shtok*, em que o eu-lírico assume a voz da poeta que empresta o nome ao poema. Shtok escreveu poesia e prosa em iídiche, mas seu último livro foi uma novela escrita em inglês. Foi uma das autoras com as quais Irena começou seu trabalho tradutório, com o objetivo justamente de resgatar essa herança para as judias asquenazitas que conhecera no movimento feminista – e para si mesma. No poema a dificuldade em escrever e viver em uma língua outra, a dificuldade da migrante que perde não só sua terra natal, mas principalmente seu idioma, reverbera na própria construção de si:

Eu tentei. Eu tentei.
Primeiro me agarrei ao iídiche mas você
sabe que é difícil. Você escreve *gas*
e *street* ecoa de volta.
Nenhuma ressonância. E - vamos encarar-
a memória falha.
Você tenta se manter atenta as diferenças
como *got* e *god* ou *hoysz* e *house*
mas elas se borram e você começa a usar
alley quando você quer dizer *gesele* ou *avenue*
quando é um *bulevar*.

E antes que você perceba
você está nalgum caminho estranho
parada perante uma casa de tijolos
o batente algo familiar.
Ainda assim você não consegue colocá-lo
com exatidão. Passantes param.
Preocupados eles falam mas você já
ouviu tudo isso antes das vogais
subirem e descerem a sutil
mudança nos sons guturais

e agora é nada mais
nada mais do que balbucios.
E então você aceita.
Você está perdida. Dessa vez você realmente
não sabe onde você está.

Resolvi, como forma de apresentar um panorama de alguns dos que me parecem mais intrigantes nessa obra apresentar uma tradução comentada de um de seus poemas mais conhecidos, intitulado *Bashert*, palavra iídiche cujo significado orbita ao redor de uma série de conceitos judaicos sobre *destino*, que para a autora significa “predestination, inevitability, a sense of finality, hopelessness, inexplicability” (KLEPFISZ, 2017). O poema começa com duas longas dedicatórias, aos que morreram e aos que sobreviveram. É seguido por quatro longas sessões narrativas nomeadas cada uma com um local e um fato (o primeiro e o último) ou um local e uma data (os dois intermediários). A poeta atravessa fronteiras não só de espaço, mas também de tempo, tornando-se fluída, um ‘oceano entre dois continentes’ e indo da Polônia da Segunda Guerra Mundial até a Chicago de 1971, em seu aniversário de 30 anos – a idade que seu pai tinha quando ela nasceu.

Minha tradução foi guiada por dois princípios teóricos. O primeiro é a ideia da tradução feminista, ou de gênero, que conforme BLUME (2010, p. 125) ‘implica, pois, numa prática de produção textual, e não de mera reprodução, em que o sujeito que traduz é visível e se insere consciente e ativamente no novo texto, de modo a colaborar com o mesmo ou também de subvertê-lo, conforme o caso, explicitando sempre o processo tradutório’. Blume cita, ainda, outras estratégias utilizadas pelas feministas na tradução, como o *supplementing*, também chamado de *productive betrayal* que busca acentuar traços do texto que são relevantes ao pensamento feminista; e o *hijacking*, o sequestro do texto, em que um texto não feminista é apropriado dentro desse paradigma.

Em sendo o texto escrito por uma feminista, a estratégia do *hijacking* parece-me algo despropositada e sem sentido. Esse artigo serve como paratexto e, dentro do poema, a traição produtiva aparece principalmente na forma da marcação de gênero em certos momentos. Obedeci a uma estratégia de neutralização e feminização do texto em pontos diferentes, dentre os quais talvez o mais significativo dentre eles seja o seguinte:

Março, 1971. São vinte e oito alunos na turma. Dezoito mulheres, dez homens. Algumas casadas. Algumas solteiras. Sozinhas. Com filhos. Com pais e avós. Sobrinhos. Sobrinhas. Elas estão aqui porque não conseguiram atingir as médias mínimas dessa faculdade.

Escolhi escrever “Algumas casadas. Algumas solteiras. Sozinhas.” quando o original em inglês não marcava o gênero, como é comum no idioma, pensando em uma estratégia de aproximação – a geração de feministas judias da Irena, notadamente ela e Melanie Kaye-Kantrowicz, consideram essencial a formação de alianças entre as mulheres de diferentes grupos étnico-raciais minoritários, pois só elas podem fazer a ponte entre as lutas, essa primeira identificação na condição de mulher podendo evoluir para uma aliança ampla entre minorias. Minha ideia é aproximar a voz que enuncia o texto das mulheres da turma.

O outro princípio que busco em minha tradução do texto de Irena Klepfisz é torná-la uma tradução visivelmente judia. Dois problemas surgem dessa aspiração: o que seria uma tradução judaica e como fazê-la. O primeiro dos dois problemas me parece ter não uma, mas múltiplas respostas, e depende de como se define ‘judaicidade’. Mantendo-me fiel aos meus princípios e, acredito, os de Irena Klepfisz, coloco a judaicidade aqui como mais próxima a uma *yiddishkeit* – a ideia de uma identidade judaica secular, ligada à cultura iídiche e que, em oposição ao sionismo e a uma identidade judaica que se centra no estado de Israel, mantém-se voltada para a diáspora sem, no entanto, deixar-se assimilar.

Com relação ao método, acredito que estratégias muito semelhantes às utilizadas na tradução feminista podem ser utilizadas, obviamente que pensando não numa chave de gênero, mas nessa cultura judaica diaspórica. Em vários momentos, opto por reforçar modos que soam algo estranhos como ‘because they acquired friends and attracted others’ que em português virou ‘porque elas adquiriam amigos e atraíam outres’. *Acquire* é a tradução inglesa do verbo hebraico utilizado no Pirkei Avot, tratado ético dos rabinos do período da Mishná, que diz que amigos devem ser adquiridos, não feitos. Da mesma maneira em ‘Na noite anterior, minha mãe me alimentou com uma sopa aguada e depois sentou e me ouviu rezar pra Santa Mãe, Mãe de Deus.’ utilizei Santa Mãe que me parece um pouco deslocado do modo como a tradição católica utiliza no Brasil, mas esse deslocamento marca justamente a criança judia subitamente inserida num mundo cristão.

Bashert

Essas palavras são dedicadas às pessoas que morreram

Essas palavras são dedicadas às pessoas que morreram
porque não tinham amor e se sentiam sozinhas no mundo
porque tinham medo de ficar sozinhas e tentaram aguentar
porque não puderam pedir

porque foram evitadas
porque estavam doentes e seus corpos não resistiram à doença
porque tomaram todos os cuidados
porque não tinham contatos
porque não tinham fé
porque não pertenciam e queriam morrer

Essas palavras são dedicadas às pessoas que morreram
porque eram solitárias e gostavam disso
porque adquiriam amigos e atraíam outros
porque assumiram riscos
porque foram teimosas e se recusaram a desistir
porque pediram demais

Essas palavras são dedicadas às pessoas que morreram
porque uma carta foi perdida e um número saltado
porque uma cama foi negada
porque um lugar estava ocupado e não sobrou nenhum outro

Essas palavras são dedicadas às pessoas que morreram
porque alguém não seguiu o plano
porque alguém negligenciou e esqueceu

porque alguém deixou tudo pra Deus
porque alguém se atrasou
porque alguém nunca chegou
porque alguém disse pra esperar e elas simplesmente não aguen-
tavam mais

Essas palavras são dedicadas às pessoas que morreram
porque a morte é uma punição
porque a morte é uma recompensa
porque a morte é o descanso final
porque a morte é a fúria eterna

Essas palavras são dedicadas às pessoas que morreram

Bashert

Essas palavras são dedicadas às pessoas que sobreviveram

Essas palavras são dedicadas às pessoas que sobreviveram
porque suas professoras do segundo ano lhes deram livros

porque não chamavam atenção pra si e se perderam na multidão
porque conheciam alguém que conhecia outra pessoa que podia
judá-las e trombaram nelas numa esquina numa quinta de tarde
porque tomavam todo o cuidado
porque tiveram sorte

Essas palavras são dedicadas às pessoas que sobreviveram
porque sabiam atalhos
porque chamavam a atenção pra si e eram sempre escolhidas
porque assumiram riscos
porque não tinham princípios e eram duras

Essas palavras são dedicadas às pessoas que sobreviveram
porque se recusaram a desistir e desafiaram as estatísticas
porque tinham fé e confiaram em Deus
porque esperavam o pior e estavam sempre prontas
porque tiveram raiva
porque puderam pedir
porque enrolaram outres e guardavam suas forças
porque aguentaram a humilhação
porque deram a outra face

porque olharam pro outro lado
Essas palavras são dedicadas às pessoas que sobreviveram
porque a vida é uma selva e foram selvagens
porque a vida é um despertar e estavam alertas
porque a vida é uma floração e desabrocharam
porque a vida é uma luta e lutaram
porque a vida é um dom e foram livres pra aceitá-la

Essas palavras são dedicadas às pessoas que sobreviveram

Bashert

1. Polônia: Minha mãe está caminhando por uma estrada.

Minha mãe está caminhando por uma estrada. Em algum lugar na Polônia. Andando em direção a uma cidade sem nome por conta de algum tipo de permissão. Ela está carregando seus papéis de identificação arianos. Ela me deixou com uma velha camponesa que concorda em dizer que é minha avó.

Ela está caminhando por uma estrada. Seu terror em me deixar para trás, arriscando a separação é engolido agora, como todos os outros sentimentos. Mas conforme ela anda, ela me imagina acenando desde o jardim empoeirado, imagina-se subitamente descoberta, os papéis de identificação questionados. E mesmo que ela sobrevivesse a isso, ela me encontraria depois? Ela sente o terror em sua boca de novo. Ela engole.

Eu tenho mais de três anos, loira feito palha de milho e olhos azuis como qualquer criança polonesa. Há sofrimento terrível entre os camponeses. Fome. E como muitos outros, estou doente. Talvez morrendo. Eu tenho pulmões ruins. Febre. Uma infecção de ouvido feia, que vaza pus. Nenhum desses sintomas está desaparecendo.

Na noite anterior, minha mãe me alimentou com uma sopa aguada e depois sentou e me ouviu rezar pra Santa Mãe, Mãe de Deus. Eu peço a ela, como a freira me ensinou, que nos ajude a todas: eu, minha mãe, a velha. E então me pego aprendendo a usar a memória, eu peço à Mãe de Deus pra ajudar meu pai. As palavras polonesas deslizam com facilidade pelos meus lábios. Minha mãe está satisfeita. A camponesa talvez tenha escutado e esteja mais segura. Minha mãe descobriu que ela é gentil, mas sabe que ela desconfia de estranhos.

Minha mãe está doente. Gota. Malnutrição. Deficiências vitamínicas. Ela tem feridas na pele que não consegue curar. Já faz meses que vive em isolamento completo, sem ponto de referência fora de si. Ela tem sido sua única e própria conselheira, companhia e conforto. Quase todos do mundo dela estão mortos: três irmãs, sobrinhos, e sobrinhas, sua mãe, seu marido, seus cunhados. Todos se foram. Mesmo os remanescentes da resistência, os poucos que sobraram depois do Levante, estão espalhados pelo interior da Polônia. Ela está mais sozinha do que jamais poderia imaginar. Ela é a única que sabe seu nome verdadeiro e talvez ela esteja morrendo. Ela tem trinta anos.

Eu tenho mais de três anos agora. Eu não tenho consciência do nosso perigo, de nosso isolamento para com os outros. Eu não tenho noção de que estamos representando um papel. Eu só sei que eu tenho um nome especial, que recebi por causa da Deusa da Paz. E todas as noites, eu durmo segura nesse conhecimento. E quando eu molho a cama, minha mãe me coloca sobre a barriga e deita na mancha. Ela tem medo da velha e espera que seu corpo seque o lençol antes do amanhecer.

Minha mãe está caminhando por uma estrada. Outra mulher se junta a ela. Minha mãe enxerga além da mentira, mas prometeu pra si mesma que nunca, sob quaisquer circunstâncias, ela vai assumir esse risco. Então ela engole sua fome por contato e confiança e ao invés disso fala sobre a criança doente deixada para trás e mente sobre o marido no campo de trabalho.

Alguém caminha na direção delas. Uma mulher grande e estranha, com um cabelo ruivo selvagem. Elas tentam não olhá-la muito atentamente, parecerem muito curiosas. Mas quando passam por ela minha mãe sente algo se movimentando dentro de si. O movimento aumenta e aumenta até ser uma explosão de ânsia que ela não pode conter. Ela para, manda sua companheira seguir sem ela. E aí se vira.

A mulher de cabelo vermelho também parou e virou. Ela é grotesca, inchada pela fome, quase selvagem em seus trapos. Ela e minha mãe vão na direção uma da outra. Cuidadosamente, deliberadamente, elas exploram para além da fome, da carne inchada, da pele infectada, dos farrapos. Vagarosamente elas começam a perfurar cinco anos de história encrustada. E, lentamente, há percepção e reconhecimento.

Nos ermos da Polônia ocupada, nesse vasto vazio em que ninguém é confiável, minha mãe, de modo súbito e bizarro, bizarramente encontrou uma das professoras do meu pai. Uma amiga da família. Outra judia.

Elas não choram, mas gemem conforme narram os mortos e contabilizam os vivos. Então elas correm até mim. Para a mulher eu sou uma visão familiar. Ela calcula que eu não vou sobreviver a semana, mas comenta sobre a minha incrível semelhança com meu pai. Ela diz que tem contatos. Ela sai. Uma noite um pacote de comida é entregue, anonimamente. Nós comemos. Nós começamos a atravessar o espaço em direção à vida. Nós sobrevivemos.

2. Chicago, 1964: Estou andando sozinha pra casa à meia-noite

Estou andando sozinha pra casa à meia-noite. Estudo literatura, e todas as noites eu fico na biblioteca até fechar. Ainda assim, toda noite, enquanto volto pra casa, me sinto despreparada para o dia seguinte. A natureza dos movimentos literários me engana. Eu só entendo escritoras individuais. Eu tenho problemas pra lembrar de definições de gêneros, datas históricas e nomes, não consigo pegar seu significado e significância. Todo um mundo de abstrações e teorias permanece além do meu alcance, no outro lado de um muro que não consigo escalar.

Então toda noite eu ando pra casa agarrada aos meus livros como se fosse uma criança pequena. A cidade é estrangeira. Desde que vim para a América, essa é minha primeira vez longe da minha vizinhança judia, das amigas judias, e eu me sinto isolada, perplexa com como arranjar um lugar pra mim nesse mundo maior, gentio, no qual entrei.

Eu estou andando sozinha pra casa à meia-noite. A universidade parece uma ilha desligada da terra. A maioria das ruas ao seu redor foi esvaziada. Em algumas toda a evidência de uma vida anterior removida, exceto por uma ocasional borda de calça que revela vagos contornos que dão uma dica de como as coisas eram. Em outras, velhas construções ainda estão em pé, apesar de estas serem vazias como cavernas, úteis uma vez e então abandonadas. Tudo está equilibrado. Tudo espera que o vazio se aproxime de si, para o vazio ser preenchido, para o vazio ser engolido e esquecido.

Andando pra casa, eu estou apenas levemente consciente do significado desse vazio estranho pelo qual eu passo. Eu estou ainda menos consciente dos perigos para mim, uma mulher andando pra casa sozinha à meia-noite. Eu estou totalmente imersa noutro tempo, noutro lugar. Noite após noite, protegida pela escuridão, eu só penso sobre Elza, que morreu. Eu estou tentando localizar um fato sobre ela, um fato que teimosamente resiste à classificação: nada do que aconteceu com ela depois importou. Todo o esforço agonizante. Todo aquele carinho. *Nada isso importou!*

No final da guerra, amigos vieram buscá-la. Com a fria e calculada razão de uma adulta, a criança de oito anos veementemente nega quem ela é. Não ela não é quem eles pensam. Não é judia. Eles cometeram um erro. Confundiram ela com outra Elza. Essa pertence aqui, com a mãe.

Ela só está seguindo muito escrupulosamente as instruções de seus pais. “Nunca conte pra ninguém quem você é. É nosso segredo. Um dia vamos voltar para você. Lembre! *Nunca conte quem você é!* Prometa!”

107

Quatro anos depois a guerra acabou. Seus pais estão mortos. Ela ainda mantém a promessa que fez. A mulher é a mãe dela. Os amigos dos pais dela sabem das coisas. A mulher foi gentil, salvou-a. Mas ela é polonesa e Elza é judia. Finalmente, oferecem dinheiro suficiente pra que deixem a criança ir. Elza se torna órfã.

E depois? Ela é adotada e finalmente parece ter tudo. Dois genitores. Dois belos irmãos. Uma casa. Seu próprio quarto. Ela estuda latim e faz traduções. É a oradora da turma. Vai embora pra faculdade. Tem namorados, casos. Vem pra Nova Iorque. Trabalha. Começa a pós-graduação. Explica Dylan Thomas, T.S. Eliot. Casa.

Mas nada disso importa. Ela não consegue dar conta. Os sinais são claros. Ela é uma péssima dona de casa. Insiste que comam em pratos de papel. Ela compra roupas suficientes pra encher todos seus armários. Mas nada a acalma. Finalmente ela assina os próprios papéis. É liberada em alguns meses. Eu termino a graduação e vou pra Europa. Três semanas depois ela faz check-in num hotel e toma uma overdose. Ela tem vinte e cinco anos.

Com medo de que eu também esteja em perigo, minha mãe instrui os judeus poloneses relocados em Paris e Tel Aviv: “Não contem pra ela!” E pra mim ela escreve: “Elza está no hospital de novo. Não há esperança.” Eu fico desconfiada, faço referência a ela sempre que posso. Estou alerta. Sinto um desconforto, uma aresta que não consigo aparar. Eu acho que sei, mas eu nunca ousou perguntar. Eu volto pra casa. Sete meses depois da morte dela, eu finalmente fico sabendo.

Uma história que ela me contou uma vez permanece viva. Durante a guerra, a mulher polonesa mandou ela comprar um caderno pra escola. Ela recebeu o troco errado e percebeu. A vendedora olha pra ela de modo agudo: “Muito exata. Como uma judia. Talvez você seja uma judiazinha?” E Elza sente medo e se pergunta se essa mulher vê a verdade em seus olhos azuis.

Outra memória. Elza está lendo relatos da guerra. Ela não consegue evitar ela me diz. Uma anedota explica algo pra ela. Uma mulher num campo pede bandagens para um ferimento. E o guarda, surpreso com sua simplicidade e franqueza, faz com que ela consiga. Aquela mulher, Elza me diz, se recusou a parar de agir como um ser humano. Os judeus, ela conclui, cometeram um erro terrível.

Estou andando sozinha para casa à meia-noite. Eu estou em carne viva com a dor de sua morte. Eu me pergunto. É inevitável? Tudo o que aconteceu com a gente depois, com todos nós, nada disso importa? Não importa o que fazemos e onde vivemos? Existem momentos da história que dos quais não se pode escapar ou transcender, mas que agem como portais temporais permanentemente aprisionando todos aqueles que foram tocados por eles? E aquilo que deveria ter acontecido na Polônia em 1944, mas não aconteceu, precisa acontecer agora? Em 1964? Em Chicago? Ou a história pode ser enganada e trapaceada?

Essas perguntas me assombram. Ainda assim eu persisto com uma vontade que eu mesma não entendo. Eu continuo a ler, estudar, fazer amigos. E conforme a crueza da morte de Elza se apazigua e se torna familiar, conforme o tempo se torna distância, eu me encontro mais e mais ancorada na minha vida presente, na minha paixão pelas palavras e pela literatura. Eu começo a perceber o mundo ao meu redor. E desenvolvo perspectiva.

Eu vejo os destroços dessa paisagem não bombardeada, vejo que a cidade, como o resto desse país estrangeiro, não é só um lugar geográfico, mas um fuso horário, uma era na qual eu, pela minha mera presença nela, estou enraizada. Ninguém simplesmente passa. A história continua se desdobrando e exigindo uma resposta. Ao meu redor a vida obliterada daqueles que eu mal percebo.

Uma vida não marcada, não registrada. Uma silenciosa migração em massa.
Relocação. Calíça comum nas ruas.

Eu vejo agora os perigos presentes, os perigos do vazio, da vacuidade americana na qual eu caminho calmamente dia e noite conforme continuo com a minha vida. Eu começo a ver o incessante desgaste das filas por benefícios, empregos, por uma cama pra dormir, de uma morte esticada imperceptivelmente em um tempo de vida. Eu começo a entender a ingenuidade disso. A invisibilidade. O Holocausto sem fumaça.

Tudo está equilibrado. Todas as coisas estão esperando pelo vazio ser preenchido, para o preenchimento que nunca pode substituir, que só pode tomar. Como o próprio tempo. Ou a história.

3. Brooklyn, 1971: Eu estou quase equidistante de dois continentes.

Eu estou quase equidistante de dois continentes. Olho pra trás em direção a um deles, então pra frente em direção ao outro. O momento está se aproximando quando eu estarei equidistante de ambos e vou ter que escolher. Manter a equidistância não é uma escolha.

Através de uma dessas coincidências menores e peculiares que permanentemente dão forma e textura a nossas vidas, eu nasci no vigésimo oitavo aniversário de meu pai. Dois anos depois, exatamente dois dias depois do seu trigésimo e do meu segundo aniversários, ele está morto no distrito da fábrica de escovas do Gueto de Varsóvia. Seu cadáver enterrado num quintal e uma hora o local se mistura com o resto das ruínas. O Levante, meu nascimento, a morte dele – tudo se funde e se torna intercambiável. Essa é a herança de um continente.

Numa das turmas que eu dou aula, todos os estudantes são negros e porto-riquenhos. Eu sou a única branca. No começo os estudantes estão nervosos, imaginando se eu vou ser uma fiscal de trabalho exigente. Eu estou nervosa também, apesar de eu não ter um nome pra isso ainda. Depois de alguns meses juntos, nos acostumamos uns com os outros. Eu estou tentando entender meu papel aqui. Essa é a herança do outro continente.

E agora, chegando meu próprio trigésimo aniversário, aproximando-se o momento em que eu estarei equidistante das duas massas de terra, eu sinto uma espécie de colapso celular no meu corpo, uma ânsia súbita dentro de mim, como se minha carne e músculo e ossos estivessem perdendo definição. Tudo em mim deseja se tornar transparente, de estar em todos os lugares, de

se tornar como a água entre duas vastas massas de terra que nunca se tocarão. Eu desejo me tornar água salgada, estabelecer a conexão.

Eu estou quase equidistante de dois continentes.

17 de abril, 1955. Solicitaram-me que eu acendesse uma das seis velas. Eu estou em pé no palco do auditório grande, escurecido, esperando ser chamada, esperando para aceitar a chama, para passá-la como uma memória. Eu estou paralisada de terror com o espetáculo ao meu redor. Eu tenho medo dessas pessoas com números azuis nos braços, pessoas que estão desfiguradas e com cicatrizes, que tem membros perdidos e caminhar tortos, pessoas cujas histórias me repelem. Aqui nesse auditório eles abandonam todas as inibições, eles se transformam em som puro, o som da perda irrecuperável, da dor e mágoa selvagens. Eles então se tornam totalmente carne, torcendo as mãos e cobrindo seus olhos inchados e rostos avermelhados. Eles me chamam e eu me sinto dissolvendo.

Quando é hora de eu vir à frente, acender a vela por aquelas crianças que foram queimadas, que levaram tiros, que foram pisoteadas até a morte, eu me movo sem sentimento. Conforme me aproximo do candelabro eu os escuto chamarem os nomes comuns em ídiche: *Surele. Moyshele. Channele. Rivkele. Yankele. Shayndele. Rayzl. Benyomin. Chavele. Miriam. Chaim.* Os nomes roçam meu rosto, invadem minhas orelhas, minha boca. Eu os inspiro nos meus pulmões, em meus ossos. E conforme a lista continua, guiada pelos sons deles, eu cruzo o palco e acendo a sexta e última vela. É meu décimo quarto aniversário.

110

Eu estou quase equidistante de dois continentes.

Março, 1971. São vinte e oito alunes na turma. Dezoito mulheres, dez homens. Algumas casadas. Algumas solteiras. Sozinhas. Com filhas. Com pais e avôs. Sobrinhos. Sobrinhas. Elas estão aqui porque não conseguiram atingir as médias mínimas dessa faculdade. Essa aula é a chance especial que têm pra recuperar a matéria. Concordância verbo-nominal. Fragmentos de uma oração. Referência pronominal. Construção de vocabulário. Organização de parágrafos. Tópico frasal. Compreensão de leitura. Habilidades de estudo. Disciplina. Tudo isso pra melhorar, ou como uma aluna me disse, seus olhos sinceros: “Eu quero escrever de jeito que quando eu for procurar por um emprego, não achem que eu sou preguiçosa.”

Eu sou obrigada a registrar presenças. Eu confiro os nomes, os chamo a cada manhã: *James. Reggie. Marie. Simone. Joy. Christine. Alvarez. Ashcroft. Basile. Colon. Corbett. White. Raphael. Dennis. Juan. Carissa. Lamont. Andrea.* Fragmentos de suas vidas caem diante de mim. O caos e a desorganização. Uma mãe que precisa de ajuda pra preencher formulários em inglês. Uma

criança doente. Regras dos hospitais. Um irmão procurando por emprego. Outro irmão encarcerado. A burocracia dos benefícios. Restrições do seguro-desemprego. Listas de espera. Despejo. MEIs. A rotina diária interrompendo a melhora deles, e a sensação crescente de que a cada dia perdido, eles ficam mais pra trás.

Eu estou quase equidistante de dois continentes. Eu olho pra trás em direção a um, depois pra frente em direção ao outro. Há uma necessidade em mim de tornar-se transparente como a água, de me tornar a água salgada que é a única ligação entre eles.

Março, 1971. Marie quer estudar medicina. Ela concorda que é uma longa distância, mas, como ela diz “é só tempo. Que diferença faz?” Um pouco mais velha do que as outras, ela vive sozinha com sua filha. Para o horror de algumas mulheres ela se recusa a ter um telefone, não gosta de ser invadida. Quando necessário, sempre podem entrar em contato por uma vizinha. Ela raramente perde aula, em algumas ocasiões traz a filha com ela, que senta serena desenhando. Olhando para Marie eu as vezes não sei quem eu sou e me pergunto como ela me enxerga. Ela parece não perceber meu desconforto. Ela só está focada na aula, sempre refazendo suas tarefas, lendo tudo duas vezes, fazendo perguntas sem fim pra ter certeza de que está entendendo. Um dia, no fim do horário, quando estamos a sós, ela pergunta: “O que você é?” e eu sou pega desprevenida, entendo o sentido da pergunta, mas sinto a resistência em mim. Eu dou uma travada e respondo baixinho: “Uma judia.” Ela acena com a cabeça e naquele momento duas vastas massas de terra se tocam.

Cada continente tem seu legado. No dia que eu alcançar meu trigésimo aniversário, a idade da morte do meu pai, eu estarei equidistante de ambos. E quando o momento passar, tudo em mim se torna definido de novo. Eu sou novamente músculo, carne, osso. A América não é o lar que eu escolhi, nem mesmo o lugar em que eu nasci. Só um lugar que pareceu seguro pra fugir de certos perigos. Mas a segurança, eu descobri, é só temporária. Nenhum lugar a garante pra ninguém pra sempre. Eu fiquei porque não tem outro lugar pra ir. Nos meus músculos, minha carne, meus ossos, eu equilíbrio as heranças, as histórias dos dois continentes.

4. Cherry Plain: Eu me tornei a guardiã dos registros

Há momentos quando de repente perco o fôlego, como se tivesse acabado de enganar alguém, mas tivesse medo do engodo ser descoberto e eu ser caçada de novo. Nesses momentos, os mitos que propõem nossa história, que tornam a ficção fato, emergem com força total em mim, quando olho

nos olhos de estranhos ou alguém de chofre se torna uma estrangeira. E quando eu vejo os olhos deles se tornarem julgadores, tornarem-se frios e indiferentes, ou simplesmente distantes com curiosidade, nesses momentos eu escuto de novo as palavras da mulher polonesa:

Muito exata. Como uma judia. Quem sabe você seja uma judiazinha?

Em momentos como esse eu oscilo, perco o presente, e como raiva, como orgulho, como aceitação, como a recusa de negar, eu invoco os mitos antigos de novo e digo:

Sim. É verdade. Tudo verdade. Eu sou escrupulosamente exata. Eu mantenho registros de todas as distinções. Entre o passado e o presente. Dor e prazer. Viver e sobreviver. Resistência e capitulação. Vontade e circunstâncias. Entre vida e morte. Sim. Eu sou escrupulosamente exata. Eu me tornei uma guardiã dos registros.

Como os patriarcas, os estudiosos rotos que só viviam pelo que estava escrito e estudaram durante suas vidas inteiras.

Como os usurários inumanos e penhoristas que foram quarentenados dentro de limites preciso em cada cidade da Europa e que eram tão exatos quanto os magistrados que desenhavam os limites de suas vidas e os declaravam doentes

112

Como aqueles homens de pedra que insistiam que os *goyim* cumprissem os contratos que eles assinaram e que respondiam aos pedidos lacrimosos da doença, fraqueza, calamidade súbita e pobreza com as palavras: “O que são essas coisas para mim? Você me fez um guardião dos registros. Dê meu quilo de carne. Diz isso aqui nesse papel, você me deve um quilo de carne!”

Como aqueles mercadores velhos, sem coração, secos, cujas vidas foram inteiras passadas nas ruas imundas do *shtetl* e que agora não são mais do que memória, cuja única maciez do corpo estava na ponta dos dedos tornada suave pelas moedas de prata, cuja visão de que tudo que importava estava em pedaços de papel se provou totalmente exata, quando seus *złoty*, francos e marcos não conseguiam comprar as palavras escritas *Żyd. Juif. Jude*.

Como esses, meus desprezados ancestrais

Eu me tornei uma guardiã dos registros.

E como todas as matriarcas, as esposas e filhas, as irmãs e tias, as sobrinhas, as donas de lojas de botões, chapelarias, costureiras, vendedoras de peixe fedorento, de fósforos, de maçãs podres, lavadeiras, parteiras, lavadoras de chão e varredoras de rua, que corriam exaustas a semana toda pra que *shabes* possa ser observado com *khalah* fresca na mesa, que discutiam na língua comum

e imploravam pra filha fugir pra revolução
pra filha fugir com um *sheygets*
que se recusavam a sentar *shiva* e dizer o *kadish* por uma criança viva
que sempre imploravam pela vida
que entendiam os registros mas os viam de forma diferente
que conheciam o poder das leis humanas, sabiam que elas sempre
contavam
não importava qual a revolução ou o partido ou o estado
que conheciam o poder das palavras *Żyd. Juif. Jude.*

que choravam a vida inteira por suas crianças fugidas
pelos maridos imobilizados no mundo escrito
pelo irmão calejado pela usura
pelo tio tornado indiferente pelo crime, pela barganha,
pelo cinzelar, de serem judiados

Como essas, minhas desprezadas ancestrais
Eu me tornei uma guardiã dos registros.

Eu não rejeito esse legado. Eu o clamo como meu sempre que eu vejo as
fotografias de pessoas sem nome. Paradas olhando pra fora da borda da
foto. Pessoas vestidas em casacos de pele. Ou rasgados no colarinho e no
cotovelo. Chapéus virados de lado, olhando ansiosos pra lente. Um chapéu
de camponês centralizado e ordinário. O cabelo na última moda. Ou um
pouco envergonhada numa peruca espessa mal ajustada. As roupas sujas.
Botões faltando. A postura elegante. Anéis de diamante. Dentes de ouro. O
cabelo sendo raspado. A expressão da humilhação. A mão segurando a mão
da criança. Uma árvore. Um trilho. Um prédio vago numa fotografia. Uma
fábrica. E então os campos de cabelo os infindáveis campos de cabelo a terra
se tornando fértil com seus corpos com suas almas.

Tipos velhos raramente vistos. Se foram eles dizem pra sempre. Mas eu sei
que eles podem ser revividos de novo que eu posso ativá-los de novo. Pois
eles despertam em mim pois eu senti isso acontecer no olhar de estranhos
ou alguém que de repente se torna estrangeiro. Sempre que eu vejo o
julgamento a frieza e indiferença a curiosidade distante. Nesses momentos
eu oscilo perco meu eu presente e o tempo todo se funde como raiva como
orgulho como aceitação como a recusa em negar eu respondo

Sim. É verdade. Eu me tornei uma guardiã dos registros.

Texto original: *Bashert*.

Irena Klepfisz

Bashert

These words are dedicated to those who died

These words are dedicated to those who died
because they had no love and felt alone in the world
because they were afraid to be alone and tried to stick it out
because they could not ask
because they were shunned
because they were sick and their bodies could not resist the disease
because they played it safe
because they had no connections
because they had no faith
because they felt they did not
belong and wanted to die

These words are dedicated to those who died
because they were loners and liked it
because they acquired friends and drew others to them
because they took risks because they were stubborn and refused to
give up
because they asked for too much

These words are dedicated to those who died
because a card was lost and a number was skipped
because a bed was denied
because a place was filled and no other place was left

These words are dedicated to those who died
because someone did not follow through
because someone was overworked and forgot
because someone left everything to God
because someone was late because someone did not arrive at all
because someone told them to wait and they just couldn't any
longer

These words are dedicated to those who died
because death is a punishment because death is a reward
because death is the final rest
because death is eternal rage

These words are dedicated to those who died

These words are dedicated to those who survived

These words are dedicated to those who survived
because their second grade teacher gave them books
because they did not draw attention to themselves and got lost in
the shuffle
because they knew someone who knew someone else who could
help them and bumped into them on a corner on a Thursday
afternoon
because they played it safe
because they were lucky

These words are dedicated to those who survived
because they knew how to cut corners
because they drew attention to themselves and always got picked
because they took risks
because they had no principles and were hard

These words are dedicated to those who survived
because they refused to give up and defied statistics
because they had faith and trusted in God
because they expected the worst and were always prepared
because they were angry because they could ask
because they mooched off others and saved their strength
because they endured humiliation
because they turned the other cheek
because they looked the other way

These words are dedicated to those who survived
because life is a wilderness and they were savage
because life is an awakening and they were alert
because life is a flowering and they blossomed
because life is a struggle and they struggled
because life is a gift and they were free to accept it

These words are dedicated to those who survived

Bashert

1. Poland, 1944: My mother is walking down a road.

4 *Bashert (Yiddish)- inevitable, predestined*

My mother is walking down a road. Somewhere in Poland. Walking towards an unnamed town for some kind of permit. She is carrying her Aryan identity papers. She has left me with an old peasant who is willing to say she is my grandmother.

She is walking down a road. Her terror in leaving me behind, in risking the separation, is swallowed now, like all other feelings. But as she walks, she pictures me waving from the dusty yard, imagines herself suddenly picked up, the identity papers challenged. And even if she were to survive that, would she ever find me later? She tastes the terror in her mouth again. She swallows. I am over three years old, corn silk blond and blue eyed like any Polish child. There is terrible suffering among the peasants. Starvation. And like so many others, I am ill. Perhaps dying. I have bad lungs. Fever. An ugly ear infection that oozes pus. None of these symptoms are disappearing.

The night before, my mother feeds me watery soup and then sits and listens while I say my prayers to the Holy Mother, Mother of God. I ask her, just as the nuns taught me, to help us all: me, my mother, the old woman. And then catching myself, learning to use memory, I ask the Mother of God to help my father. The Polish words slip easily from my lips. My mother is satisfied. The peasant has perhaps heard and is reassured. My mother has found her to be kind, but knows that she is suspicious of strangers.

My mother is sick. Goiter. Malnutrition. Vitamin deficiencies. She has skin sores which she cannot cure. For months now she has been living in complete isolation, with no point of reference outside of herself. She has been her own sole advisor, companion, comforter. Almost everyone of her world is dead: three sisters, nephews and nieces, her mother, her husband, her in-laws. All gone. Even the remnants of the resistance, those few left after the uprising, have dispersed into the Polish countryside. She is more alone than she could have ever imagined. Only she knows her real name and she is perhaps dying. She is thirty years old.

I am over three years old. I have no consciousness of our danger, our separateness from the others. I have no awareness that we are playing a part. I only know that I have a special name, that I have been named for the Goddess of Peace. And each night, I sleep secure in that knowledge. And when I wet my bed, my mother places me on her belly and lies on the stain. She fears the old woman and hopes her body's warmth will dry the sheet before dawn.

My mother is walking down a road. Another woman joins her. My mother sees through the deception, but she has promised herself that never, under any circumstances, will she take that risk. So she swallows her hunger for contact and trust and instead talks about the sick child left behind and lies about the husband in the labor camp.

Someone is walking towards them. A large, strange woman with wild red hair. They try not to look at her too closely, to seem overly curious. But as

they pass her, my mother feels something move inside her. The movement grows and grows till it is an explosion of yearning that she cannot contain. She stops, orders her companion to continue without her. And then she turns. The woman with the red hair has also stopped and turned. She is grotesque, bloated with hunger, almost savage in her rags. She and my mother move towards each other. Cautiously, deliberately, they probe past the hunger, the swollen flesh, the infected skin, the rags. Slowly, they begin to pierce five years of encrusted history. And slowly, there is perception and recognition.

In this wilderness of occupied Poland, in this vast emptiness where no one can be trusted, my mother has suddenly, bizarrely, met one of my father's teachers. A family friend. Another Jew.

They do not cry, but weep as they chronicle the dead and count the living. Then they rush to me. To the woman I am a familiar sight. She calculates that I will not live out the week, but comments only on my striking resemblance to my father. She says she has contacts. She leaves. One night a package of food is delivered anonymously. We eat. We begin to bridge the gap towards life. We survive.

2. Chicago, 1964: I am walking home alone at midnight.

I am walking home alone at midnight. I am a student of literature, and each night I stay in the library until it closes. Yet each night, as I return I still feel unprepared for the next day. The nature of literary movements eludes me. I only understand individual writers. I have trouble remembering genre definitions, historical dates and names, cannot grasp their meaning, significance. A whole world of abstractions and theories remains beyond my reach, on the other side of a wall I cannot climb over.

So each night, I walk home clutching my books as if I were a small school child. The city is alien. Since coming to America, this is my first time away from a Jewish neighborhood, Jewish friends, and I feel isolated, baffled at how to make a place for myself in this larger, gentile world which I have entered.

I am walking home alone at midnight. The university seems an island ungrounded. Most of its surrounding streets have been emptied. On some, all evidence of previous life removed except for occasional fringes of rubble that reveal vague outlines, that hint at things that were. On others, old buildings still stand, though these are hollow like caves, once of use and then abandoned. Everything is poised. Everything is waiting for the emptiness to close in upon itself, for the emptiness to be filled up, for the emptiness to be swallowed and forgotten.

Walking home, I am only dimly aware of the meaning of this strange void through which I pass. I am even less aware of the dangers for someone like me, a woman walking home alone at midnight. I am totally preoccupied with

another time, another place. Night after night, protected by the darkness, I think only of Elza who is dead. I am trying to place a fact about her, a fact which stubbornly resists classification: nothing that happened to her afterwards mattered. All that agonized effort. All that caring. None of that mattered!

At the end of the war, friends come to claim her. With the cold, calculated cunning of an adult, the eight year old vehemently denies who she is. No she is not who they think. Not a Jew. They have made a mistake. Mixed her up with another Elza. This one belongs here, with her mother.

She is simply being scrupulous in following her parents' instructions. "Do not ever admit to anyone who you are. It is our secret. Eventually we will come for you. Remember! Never *admit who you are!* Promise!"

Four years later, the war is over. Her parents dead. She is still bound by her promise. This woman is her mother. Her parents' friends know better. The woman has been kind, has saved her. But she is a Pole and Elza is a Jew. Finally, the bribe is big enough and the child released. Elza becomes an orphan.

And afterwards? She is adopted and finally seems to have everything. Two parents. Two handsome brothers. A house. Her own room. She studies Latin and does translations. Is valedictorian of her class. Goes away to college. Has boyfriends, affairs. Comes to New York. Works. Begins graduate school. Explicates Dylan Thomas, T.S. Eliot. Marries.

But none of it matters. She cannot keep up. The signs are clear. She is a poor housekeeper. Insists they eat off paper plates. She buys enough clothes to fill all her closets. But nothing soothes her. Finally she signs her own papers. Is released within a few months. I finish college and leave for Europe. Three weeks later, she checks into a hotel and takes an overdose. She is twenty-five years old.

Fearing I too might be in danger, my mother instructs Polish Jews resettled in Paris and Tel Aviv: "Don't tell her!" And to me she writes: "Elza is in the hospital again. There is no hope. " I am suspicious, refer to her whenever I can. I am alert. Sense a discomfort, an edge I cannot define. I think I know, but I never dare ask. I come home. Seven months after her death, I finally know.

A story she once told me remains alive. During the war, the Polish woman sends her to buy a notebook for school. She is given the wrong change and points it out. The shopkeeper eyes her sharply: "Very accurate. Just like a Jew. Perhaps you are a little Jewess?" And Elza feels afraid and wonders if this woman sees the truth in her blue eyes.

Another memory. Elza is reading accounts of the war. She cannot help herself, she tells me. An anecdote explains something to her. A woman in a camp requests a bandage for a wound. And the guard, so startled by her simplicity and directness, makes sure she gets one. That woman, Elza tells me, refused to stop acting like a human being. Jews, she concludes, made a terrible mistake.

I am walking home alone at midnight. I am raw with the pain of her death. I wonder. Is it inevitable? Everything that happened to us afterwards, to all of us, does none of it matter? Does it not matter what we do and where we live? Are there moments in history which cannot be escaped or transcended, but which act like time warps permanently trapping all those who are touched by them? And that which should have happened in 1944 in Poland and didn't, must it happen now? In 1964? In Chicago? Or can history be tricked and cheated? These questions haunt me. Yet I persist with a will I myself do not understand. I continue reading, studying, making friends. And as the rawness of Elza's death eases and becomes familiar, as time becomes distance, I find myself more and more grounded in my present life, in my passion for words and literature. I begin to perceive the world around me. I develop perspective. I see the rubble of this unbombed landscape, see that the city, like the rest of this alien country, is not simply a geographic place, but a time zone, an era in which I, by my very presence in it, am rooted. No one simply passes through. History keeps unfolding and demanding a response. A life obliterated around me of those I barely noticed. A life unmarked, unrecorded. A silent mass migration. Relocation. Common rubble in the streets. I see now the present dangers, the dangers of the void, of the American hollowness in which I walk calmly day and night as I continue my life. I begin to see the incessant grinding down of lines for stamps, for jobs, for a bed to sleep in, of a death stretched imperceptibly over a lifetime. I begin to understand the ingenuity of it. The invisibility. The Holocaust without smoke. Everything is poised. Everything is waiting for the emptiness to be filled up, for the filling-up that can never replace, that can only take over. Like time itself. Or history.

3. Brooklyn, 1971: I am almost equidistant from two continents.

I am almost equidistant from two continents. I look back towards one, then forward towards the other. The moment is approaching when I will be equidistant from both and will have to choose. Maintaining equidistance is not a choice.

By one of those minor and peculiar coincidences that permanently shape and give texture to our lives, I am born on my father's twenty-eighth birthday. Two years later, exactly three days after his thirtieth and my second birthday, he is dead in the brush factory district of the Warsaw Ghetto. His corpse is buried in a courtyard and eventually the spot blends with the rest of the rubble. The Uprising, my birth, his death - all merge and become interchangeable. That is the heritage of one continent.

In one of the classes that I teach, all the students are Black and Puerto Rican. I am the only white. Initially, the students are nervous, wondering if I will be

a hard task master. I am nervous too, though I do not yet have a name for it. After a few months together, we grow accustomed to each other. I am trying to understand my role here. That is the heritage of the other continent. And now, approaching my own thirtieth birthday, approaching the moment when I will be equidistant from the two land masses, I feel some kind of cellular breakdown in my body, a sudden surging inside me, as if flesh and muscle and bone were losing definition. Everything in me yearns to become transparent, to be everywhere, to become like the water between two vast land masses that will never touch. I desire to become salt water, to establish the connection.

I am almost equidistant from two continents.

April 17, 1955. I have been asked to light one of the six candles. I stand on the stage in the large, darkened auditorium, wait to be called, wait to accept the flame, to pass it on like a memory. I am numb with terror at the spectacle around me. I fear these people with blue numbers on their arms, people who are disfigured and scarred, who have missing limbs and uneasy walks, people whose histories repel me. Here in this auditorium, they abandon all inhibitions, they transform themselves into pure sound, the sound of irretrievable loss, of wild pain and sorrow. Then they become all flesh, wringing their hands and covering their swollen eyes and flushed faces. They call out to me and I feel myself dissolving.

When it is time for me to come forward, to light the candle for those children who were burned, who were shot, who were stomped to death, I move without feeling. And as I near the candelabra, I hear them call out the common Yiddish names: *Surele. Moyshela. Channele. Rivkele. Yankle. Shayndele. Rayzl. Benyomin*. The names brush against my face, invade my ears, my mouth. I breathe them into my lungs, into my bones. And as the list continues, guided by their sounds, I cross the stage and light the sixth and final candle. It is my fourteenth birthday.

I am almost equidistant from two continents.

March, 1971. There are twenty-eight people in the class. Eighteen women, ten men. Some married. Some single. Alone. With children. With parents and grandparents. Nieces. Nephews. They are here because they have not met the minimum standards of this college. This class is their special chance to catch up. Subject and verb agreement. Sentence fragments. Pronoun reference. Vocabulary building. Paragraph organization. Topic sentence. Reading comprehension. Study skills. Discipline. All this to catch up, or as one student said to me, his eyes earnest: "I want to write so that when I go for a job they won't think I'm lazy."

I am required to take attendance. I check through the names, call them out each morning. *James. Reggie. Marie. Simone. Joy. Christine. Alvarez. Ashcroft. Basile. Colon. Corbett. White. Raphael. Dennis. Juan. Carissa. Lamont. Andrea*. Fragments of their lives fall before me. The chaos and disorganization. A

mother needing help in filling out forms in English. A sick child. Hospital regulations. A brother looking for a job. Another brother in trouble. Welfare red tape. Unemployment payment restrictions. Waiting lists. Eviction. SRO. The daily grind interrupting their catching-up, and the increasing sense that with each day missed, they fall further behind.

I am almost equidistant from two continents. I look back towards one, then forward towards the other. There is a need in me to become transparent like water, to become the salt water which is their only connection. March, 1971. Marie wants to study medicine. She concedes it's a long haul, but, as she says, "It's only time. What difference does it make?" Slightly older than the others, she lives alone with her daughter. To some of the women's horror, she refuses to have a telephone, does not like to be intruded upon. When necessary, she can always be reached through a neighbor. She rarely misses class, on a few occasions brings her daughter with her, who sits serenely drawing pictures. Facing Marie, I sometimes do not know who I am and wonder how she perceives me. She seems oblivious to my discomfort. She is only focused on the class, always reworking her assignments, reading everything twice, asking endless questions to make sure she really understands. One day, at the end of the hour, when we are alone, she asks: "What are you?" I am caught off guard, know the meaning of the question, but feel the resistance in me. I break it down and answer quietly: "A Jew." She nods and in that moment two vast land masses touch.

Each continent has its legacy. The day I reach my thirtieth birthday, the age of my father's death, I am equidistant from both. And as the day passes, everything in me becomes defined again. I am once again muscle, flesh, bone. America is not my chosen home, not even the place of my birth. Just a spot where it seemed safe to go to escape certain dangers. But safety, I discover, is only temporary. No place guarantees it to anyone forever. I have stayed because there is no other place to go. In my muscles, my flesh, my bone, I balance the heritages, the histories of two continents.

4. Cherry Plain, 1982: I have become a keeper of accounts.

There are moments when I suddenly become breathless, as if I had just tricked someone, but was afraid the ruse would be exposed and I'd be hunted again. At those moments, the myths that propel our history, that turn fiction into fact, emerge in full force in me, as I stare into the eyes of strangers or someone suddenly grown alien. And when I see their eyes become pinpoints of judgments, become cold and indifferent, or simply distanced with curiosity, at those moments I hear again the words of the Polish woman:

Very accurate. Just like a Jew. You are perhaps a little Jewess?

At moments such as these I teeter, shed the present, and like rage, like pride, like acceptance, like the refusal to deny, I call upon the ancient myths again and say: Yes. It's true. All true. I am scrupulously accurate. I keep track of all distinctions. Between past and present. Pain and pleasure. Living and surviving. Resistance and capitulation. Will and circumstance. Between life and death. Yes. I am scrupulously accurate. I have become a keeper of accounts.

Like the patriarchs, the shabby scholars who only lived for what was written and studied it all their lives

Like the inhuman usurers and dusty pawnbrokers who were quarantined within precisely prescribed limits of every European town and who were as accurate as the magistrates that drew the boundaries of their lives and declared them diseased

Like those men of stone who insisted that the goyim fulfill the contracts they had signed and who responded to the tearful pleas of illness, weakness, sudden calamity and poverty, with the words: "What are these to me? You have made me a keeper of accounts. Give me my pound of flesh. It says on this piece of paper, you owe me a pound of flesh!"

Like those old, heartless, dried up merchants whose entire lives were spent in the grubby shtetl streets that are now but memory, whose only body softness was in the fingertips worn smooth by silver coins, whose vision that all that mattered was on pieces of paper was proven absolutely accurate, when their zloty, francs, and marks could not buy off the written words *Zyd, Juif, Jude*

Like these, my despised ancestors

I have become a keeper of accounts.

And like all the women, the wives and daughters, the sisters and aunts, the nieces, the keepers of button shops, milliners, seamstresses, peddlers of foul fish, of matches, of rotten apples, laundresses, midwives, floor washers and street cleaners, who rushed exhausted all week so that shabes could be observed with fresh challah on the table, who argued in the common tongue and begged for the daughter run-off to the revolution

and the daughter run-off with a *shegetz*

who refused to sit shiva and say *kaddish* for a living child

who always begged for life

who understood the accounts but saw them differently

who knew the power of human laws, knew they always counted

no matter what the revolution or the party or the

who knew the power of the words *Zyd, Juif, Jude*

who cried whole lifetimes for their runaway children

for the husbands immobilized by the written word

for the brother grown callous from usury

MENDES, L. R. R.
Bashert: um poema
de Irena Klepfisz

for the uncle grown indifferent from crime, from bargaining, from chiseling,
from jewing them down

Like these, my despised ancestors

I have become a keeper of accounts.

I do not shun this legacy. I reclaim it as mine whenever I see the photographs
of nameless people. Standing staring off the edge of the picture. People dressed
in coats lined with fur. Or ragged at elbows and collar. Hats cocked on one
side glancing anxiously toward the lens. Or standing ashamed a coarse wig
awkwardly fitted. The shabby clothes. Buttons missing. The elegant stance.
Diamond rings. Gold teeth. The hair being shaved. The face of humiliation.
The hand holding the child. A tree. A track. A vague building in a photograph.
A facility. And then the fields of hair the endless fields of hair the earth growing
fertile with them with their bodies with their souls.

Old, rarely seen types. Gone they say forever. And yet I know they can be
revived again that I can trigger them again. That they awaken in me for I
have felt it happen in the sight of strangers or someone suddenly grown
alien. Whenever I have seen the judgment the coldness and indifference the
distanced curiosity. At those moments I teeter shed my present self and all
time merges and like rage like pride like acceptance like the refusal to deny I
answer

Yes. It is true. I am a keeper of accounts.

Bashert

Referência

ALEXANDER, Neta. *‘There’s an Urgency When It Comes to Trump. I’m Beginning to See What My Parents Saw in 1930s’*. Haaretz. Nova Iorque, p. 1-1. 23 jan. 2017. Disponível em: <https://www.haaretz.com/us-news/.premium-im-beginning-to-see-what-my-parents-saw-in-the-1930s-1.5488980>. Acesso em: 30 nov. 2020.

KLEPFISZ, IRENA. *Klepfisz’s Oral History*. Nova Iorque: Yiddish Book Center, 2017. (132 min.), son., color. Série Yiddish Book Center's Oral History. Disponível em: <https://www.yiddishbookcenter.org/collections/oral-histories/interviews/woh-fi-0000981/irena-klepfisz-2017>. Acesso em: 01 nov. 2020.

KLEPFISZ, Irena. *A few words on the mother tongue: Poems selected and new (1971-1990)*. Portald: The Eight Mountain Press. 1990.

WEIMAN-KELMAN, Zohar. Legible lesbian lines: the bilingual poetry of irena klepfisz. *Journal Of Lesbian Studies*, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 21-35, 2 jan. 2019. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/10894160.2018.1499313>.

WEIMAN-KELMAN, Zohar. Translating generations: Irena Klepfisz. In: WEIMAN-KELMAN, Zohar. *Queer expectations: a genealogy of jewish women’s poetry*. Albany: State University of New York Press. 2018. Capítulo 6. Posição. 2670 à 3015. Edição Kindle.